

MOVIMENTOS SOCIAIS E RELAÇÕES BRASIL – ESTADOS UNIDOS

Entrevista com professor CLIFF WELCH*

Entrevistadores: Karina Furini da Ponte e José Alves**

Karina F. da Ponte: Professor Cliff, fale da sua trajetória acadêmica e profissional, para situar o leitor.

Cliff Welch: Sou de San Francisco, na Califórnia (EUA), onde nasci em 1956 e fiz o “Ensino Fundamental”. Cursei o colégio numa cidadezinha vizinha, chamada San Mateo, e a faculdade na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Nesta cidade conheci a trabalhar como jornalista para vários jornais, e depois de alguns anos mudei para Baltimore, no outro lado dos EUA, na costa leste, onde eu trabalhei em um semanal chamado *The City Paper*. Em 1981, fundamos um semanal no capital, Washington, onde fiz reportagens sobre os movimentos sociais contra as políticas do presidente Ronald Reagan na América Central, onde o governo dele tinha organizado uma força para terminar a Revolução Sandinista. Comecei a escrever sobre a história da América Latina e resolvi fazer Pós-

* Professor Doutor da Universidade Estadual de Grand Valley no Estado de Michigan, EUA, e atual Professor Visitante da CAPES no Programa de Estudos em Geografia em Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e no Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP, Campus de Presidente Prudente. Primeira vez publicada em novembro de 2003, na ocasião em que o Professor Dr. Cliff Welch ministrou a disciplina “História das Relações Sociais dos Estados Unidos na América Latina”, no Campus da UNESP de Presidente Prudente. ** Foi revista por ele em maio de 2004.

** Adaptação para o caso de Pós-graduação em Geografia na FCT – UNESP, Campus de Presidente Prudente, SP.

Quando comecei a realizar a pesquisa para meu mestrado, procurando um tema, foi um filme que me influenciou: era *A Batalha de Chile*, contando em 5 a 6 horas, em preto e branco, a história dos últimos meses do governo de Salvador Allende no Chile, que foi brutalmente despejado pelas forças armadas em 11 de setembro de 1973. É um dos melhores documentários na história da categoria. Assisti ao filme mais ou menos em 1975 na Universidade de Califórnia, e a sua importância para mim no mestrado foi que contou um pouco sobre a subversão que os sindicatos norte-americanos tiveram dentro dos sindicatos no Chile através de um trabalho organizado em parceria com a CIA, numa organização chamada o *American Institute for Free Labor Development*. No golpe militar de 64, no Brasil, esta mesma organização atuou para fazer contusão no movimento sindical e ajudar na conspiração contra o governo de Goulart. Então eu resolvi fazer um trabalho sobre a política externa dos EUA entre os sindicatos no Brasil. Eu fui ao Arquivo Nacional dos EUA, nas organizações dos sindicatos nos EUA e foi uma pesquisa feita em cima dos documentos americanos para mostrar a atitude do governo e dos sindicatos na preparação para o golpe, mas aconteceu que ao invés de fazer toda a pesquisa sobre a época de 64, acabei fazendo uma pesquisa sobre o início deste tipo de projeto americano que objetivava influenciar os sindicatos estrangeiros, que começou logo após a Segunda Guerra Mundial. Depois de ser aprovada, revisei a dissertação e encaixei no discurso de solidariedade e o artigo foi publicado no jornal *Latin American Research Review*.

Karina F. da Ponte: Quais as suas publicações mais importantes?

Chiff Welch: Eu acho mais importante o livro *A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical dos trabalhadores rurais [The Seed Was Planted: The São Paulo Roots of Brazil's Rural Labor Movement]* (Penn State Press, 1999). Acho mais importante por vários motivos: depois de fazer o mestrado, fui atrás de um tema de doutorado e percebi que teve uma lacuna na

12

história do Brasil, a formação dos sindicatos dos trabalhadores rurais, os movimentos políticos e os movimentos sociais dos trabalhadores rurais. Então esse livro trata desse assunto e realmente tem muito pouca coisa publicada sobre tal tema. Um exemplo é o livro que saiu quando eu já estava escrevendo, de Leonilde Medeiros, *A história dos movimentos sociais no campo do Brasil*, que tem umas 40 páginas sobre este período, mais ou menos. Com *A semente foi plantada*, tratei como a classe dominante viu os trabalhadores rurais e como os trabalhadores agiram do final do século XIX, até mais ou menos 1965. Além disso, o livro levanta um pouco da história dos anos 80, quando eu já estava indo atrás deste tema, fazendo minha pesquisa, e os movimentos dos trabalhadores rurais no Brasil e no Estado de São Paulo eram muito ativos. Todo dia saía nos jornais notícias sobre os cortadores de cana, greves e coisas assim. Então isso me impulsionou a fazer essa pesquisa. O livro começou como tese, mas virou outra coisa, antes de ser publicado como livro (aumentei com mais pesquisa, leitura, e mais 200 páginas de análise).

José Alves: Quais são os seus projetos no Brasil?

Chiff Welch: Tenho vários projetos e um deles é mexer com filmes. Acho interessante o filme que fizemos sobre a Guerra do Capim, chamado *Grass War! Peasant Struggle in Brazil (Guerra do capim: luta camponesa no Brasil)* (VHS, 2001). Atualmente minha esposa, a Prof^a Dra. Tom Perrine, e eu estamos fazendo um outro filme sobre futebol infantil. Já o filme *Grass War*, conta a vida de um militante comunista brasileiro que luta por terra nos anos de 1959/60, que é o João Cortez Netto. Depois de fazer o filme, continuei escrevendo sobre a vida dele, usando a biografia dele para explicar como ocorreu a luta pela terra naquela época. Então, meu projeto principal agora é uma pesquisa que começa com a vida dele, sua história por volta da época do golpe militar de 1964 e conta a história do desenvolvimento da luta pela terra, especialmente no Estado de São Paulo, até os anos 1990, quando enfoco o "novo João", o José Rainha Junior, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra,

13

aqui no Pontal da Paranapanema. Estou interessado em saber como uma pessoa com poucos recursos consegue ter poder suficiente para mudar a história, para fazer mudanças sociais e políticas. Então já fiz a maioria do trabalho sobre Joffe, sobre o Partido Comunista e o contexto dos anos 80. Agora estou fazendo pesquisa sobre os anos 1970 e 90. Para fazê-la de uma maneira mais profunda é necessário focalizar um local só, porque a vida é muito complicada, e tem que limitar o foco, para ser mais preciso na história. Sendo assim, espero que consiga entrevistar várias pessoas que estavam em volta de José Rainha, olhar os jornais com cuidado, procurando informação sobre acontecimentos representativos da luta atual. Pode ser que eu vá pegar da primeira vez que ele chegou no Pontal, seus primeiros movimentos, até os conflitos mais marcantes nos meados da década de 90.

Karina F. da Ponte: Juntamente com este projeto há uma disciplina oferecida pelo senhor na Unesp de Presidente Prudente, intitulada a "História das Relações Externas dos Estados Unidos na América Latina". Qual a proposta da disciplina?

Cliff Welch: Inicialmente, havia uma proposta, mas esta foi modificada após algumas conversas com os alunos. A primeira era de ensinar a história da formação dessas relações e as perspectivas de vários estudiosos americanos. Eu achei interessante após conversar com o Prof. Dr. Bernardo M. Fernandes e com a Profª Dra. Vera Chaia, da PUC - São Paulo, onde também ministro esta disciplina, ensinar uma visão americana em vez de fazer uma visão bastante crítica ou de defesa das políticas externas dos EUA. Eu só queria discutir com eles (os alunos) o porquê os EUA agia como agia no mundo e também na América Latina e como ainda age hoje. Então a proposta do curso era de passar uma explicação das várias perspectivas, das razões atrás das políticas externas dos EUA. É muito fácil dizer que é pela dominação, pelo dinheiro, isso está no meio, mas acho que o mais interessante é enfiocar algumas idéias sobre a cultura americana e como os americanos acham certo o que o

14

governo faz, pois na visão dos próprios americanos, eles acham que não estão dominando, mas ajudando outros países. Mas no Brasil a visão é diferente, como resistência a esta idéia. Eu diria que não estou tentando defender a política externa dos EUA, mas eu não estou deixando eles só pensarem que era simplesmente um processo de dominação, pode ser que acabou pensando assim, mas a questão mais interessante, que dá espaço para trabalhar na solidariedade internacional, não estão aí.

Karina F. da Ponte: A respeito desta questão das políticas internacionais dos EUA, o que o senhor acha da intervenção tanto na América Latina como no Brasil?

Cliff Welch: Tem uma escola na História que acha que os EUA sempre seguiram um caminho excepcional, diferente dos outros poderes no mundo, um de procurar fazer amizade internacional e construir independência e democracia em outros países. A escola de história internacional, por outro lado, acha que os EUA sempre procuravam ser uma potência, um império como qualquer um, desde o seu início, nas guerras contra a Inglaterra, e depois disso, nas guerras contra o México, as nações indígenas, e adiante. O governo e a classe dominante quase sempre conseguiram convencer o povo que estavam fazendo algo certo, estavam levando o mundo para algo melhor, estavam tentando ajudar alguém sofrendo lá fora, estavam levando a liberdade, como se diz hoje em dia no caso da invasão do Iraque. Então, na linha desta escola, acho que a intervenção é errada porque o motivo principal é de servir os interesses nacionais dos EUA mesmo e não para ajudar ninguém mais que um pequeno grupo de investidores, fabricantes e funcionários. Mesmo assim, na cabeça da grande maioria dos americanos a intervenção parece como um dever de pessoas boas e morais. A grande imprensa vem construindo uma imagem de América Latina como lugar de conflitos, pobreza, corrupção, e pouca competência, preparando o povo para apoiar qualquer intervenção militar ou econômica sem pensar. Já sai emburrada e justificada. Um grande papel de nós, os

15

educadores, é esclarecer nossos estudantes e o público em geral sobre a misilificação do império norteamericano.

Karina F. da Ponte: Atualmente quais os interesses dos EUA na América Latina, especialmente no Brasil?

Cliff Welch: São econômicos e geopolíticos. Faz tempo que os EUA estão tentando abrir portas por meio dos tratados de comércio, vêm lutando para liderar os mercados lá fora, tanto na América Latina quanto em outros países. A ALCA (Acordo de Livre Comércio das Américas) está nos jornais hoje em dia, mas é na verdade outra fase de um processo que já vem acontecendo há 200 anos e nesta fase há duas novidades. Uma delas está relacionada aos direitos intelectuais que virou uma espécie de prioridade, porque não eram mercadorias até os direitos serem reconhecidos em tratados internacionais. Por exemplo, os EUA querem assegurar os direitos intelectuais de empresas como a Monsanto, que tem desenvolvido as sementes transgênicas, e de Merck, que tem inventado vários remédios. A outra está na área de agricultura, na qual os EUA querem facilitar a exportação de produtos baratos que poderiam dominar a produção em vários países da América Latina.

Os negociadores do Brasil perceberam estas prioridades dos EUA e, por isso, é que este assunto também acaba sendo a prioridade do Brasil, dos grupos que tentam organizar para resistir a uma plena entrega. Enquanto isso, os EUA estão tentando abrir o mercado no Brasil e outros países para melhor “comandar” o milho, o trigo e outros produtos que não são tão fortes na região. Já o Brasil está tentando abrir nos EUA mercados para a soja e algodão e outros produtos que são produzidos aqui e que são mais baratos do que lá. O governo norteamericano têm desenvolvido táticas para diminuir a influência do Brasil entre outros países independentes, de pensar do Brasil em termos geopolíticos.

José Alves: Como o senhor analisa o posicionamento do Brasil e do governo Lula perante as políticas dos EUA frente à América Latina,

16

uma vez que há vários anos se vê uma política dos EUA de tentar abrir mercado fora, no caso no Brasil, e por outro lado, tal país se fecha perante os produtos brasileiros. O que o senhor acha dessa tentativa do Brasil ir contra esta política dos EUA?

Cliff Welch: Eu acho muito importante, válido e também muito difícil de conseguir fazer muita coisa. Tem uma linha de pensamento brasileiro que diria “não vamos mais participar na ALCA, não vamos mais participar no comércio livre, nesse movimento de baixar obstáculos econômicos entre os países”. Eu acho esta linha justa, mas acho improvável que o governo vá seguir esta linha. Acho justa a posição de negociar, de barganhar até mais forte. É claro que a maior preocupação do governo Lula é para continuar construindo um bloco de apoio entre os outros países da América Latina para enfrentar a política dos EUA. Será difícil os EUA aceitarem as propostas do bloco organizado pelo Brasil aqui na América Latina, por causa de um outro fator bastante importante na formação da política externa dos EUA que é a sua política doméstica. Então, o Presidente George Bush teria que convencer a maioria dos senadores dos EUA, que tem o dever constitucional de aprovar tratados internacionais, que os interesses econômicos de seus eleitores vão ser servidos se ele for deixar a soja, o algodão, o açúcar, e a haranja brasileira entrar nos EUA num preço concorrente. Por um lado, Bush é muito nacionalista e não vai apoiar esta política. Por outro lado, o *lobbi* dos grandes lavradores nos EUA é muito forte e vai fazer de tudo para defender os lucros da classe. Além disso, a maioria dos movimentos sociais, que luta contra a globalização, não tem uma visão alternativa que poderia ajudar Lula.

Eu acho que a posição de Lula é certa no sentido de tentar levar a sério às negociações, ele já saiu de uma rodada em Cancun sem dar boa, mas a tática dos EUA era de tentar quebrar o bloco organizado pelo Brasil. Ao invés dos EUA fazerem um tratado abrangendo todas as nações da América Latina, eles buscam fazer negócios bilaterais, quebrando o bloco da América Latina. Lula tem

17

que balancear os vários interesses se não quiser ficar de fora, o que poder ser pior do que ficar dentro com os problemas que tem.

Karina F. da Ponte: Passando então para as políticas internas brasileiras, gostaríamos de saber o que o senhor acha do posicionamento do governo Lula em relação à questão agrária nacional, especialmente com os movimentos sociais e o enfoque dado ao agronegócio?

Cliff Welch: Não me sinto muito qualificado para responder. Eu sei só o que se lê nos jornais, o que todo mundo lê e tem poucos brasileiros que já tem respostas sobre esta questão. Estão esperando passar um ano para criticar o governo de Lula. Mesmo assim, parece-me bastante parada a política de Reforma Agrária do Lula. Eu acho que a resposta maior dele está relacionada aos negócios da ALCA, que vão ajudar bem mais os grandes do que os pequenos lavradores. Nossa preocupação é a pequena lavoura e até agora, Lula tem empregado poucos recursos neste setor, tem ajudado muito pouco os movimentos sociais (MST) e sindicais (CONTAG) no campo. Realizando a minha pesquisa histórica agora, estou encontrando muitas lembranças de como Lula se apresentou, inicialmente, como amigo do Movimento Sem Terra, lutou pelo direito de ocupar e desapropriar terras, mas agora como presidente ele está fazendo tão pouco. Quando era candidato, ele visitou José Rainha Junior na cadeia, várias vezes para lutar pela sua liberdade, mas agora, como presidente, Rainha já está preso a quatro meses. Na realidade, a posição dele como presidente é bem diferente da sua posição anterior como candidato, como líder sindical; ironicamente, é bem mais restringido. Tenho muito respeito com os problemas que ele está enfrentando, com a avalanche de problemas que ele tem que equilibrar diante dos diferentes interesses. Vamos ver o que vai acontecer daqui para frente. Ainda tenho esperanças.

18

José Alves: Não tem como falar em questão agrária brasileira sem falar do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O que o senhor acha do movimento?

Cliff Welch: Acho o MST uma das melhores coisas no Brasil, porque o grande desafio para os brasileiros é acabar com a cultura autoritária que vem desde o início da Colônia, através do Império, o século XX e chega até hoje. É uma cultura, na minha opinião, que mexe com gênero, com escola, com a terra, com tudo. Tenho visto dentro do movimento sem terra uma tentativa, essa mística, eles falam de criar uma cultura bem diferente, mas usando as ferramentas brasileiras. Acho isso fascinante e ele já tem conseguido sobreviver durante 20 anos. Acho que esse movimento vai ficar aqui para sempre e vai precisar fazer luta por muitos anos também. É importante que o MST não é o único movimento dos trabalhadores rurais, de camponeses, tem vários outros movimentos. Um outro que eu conheço é a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), que ainda tem mais sócios, pequenos produtores do que o MST. Mas o MST tem conseguido, dominado a imaginação de muitas pessoas, porque eles vêm tentando alterar não só a estrutura capitalista, não só os partidos políticos, mas a cultura autoritária no Brasil. É muito difícil encontrar na história um movimento neste sentido e o MST é um desses poucos movimentos que perceberam a necessidade de fazer uma mudança social de raiz.

Karina F. da Ponte: Ainda sobre a discussão do Movimento dos Sem Terra. Evidencia-se um processo de criminalização do movimento, iniciado no governo de Fernando Henrique e que vem perdurando no governo Lula também, com a prisão dos principais líderes, como por exemplo, do José Rainha. O que o senhor acha desses acontecimentos dentro da questão agrária brasileira?

Cliff Welch: Fico preocupado com a criminalização do movimento e eu não estou de acordo com isso. Um estudo da História mostra que a criminalização dos movimentos sociais é bastante comum, é uma

19

coisa que já vem acontecendo desde Jesus Cristo e ele foi preso e crucificado porque era percebido como uma ameaça da ordem pelos romanos. Então não é novidade, mas tem que pensar que seria novidade porque no Brasil parece que a cultura de relações pessoais é muito forte, as pessoas ficam perto da família, "você sabe com quem está falando", e aquela coisa toda. No Brasil, a criminalização de pessoas de destaque como o Rainha merece uma reflexão: a quais interesses serve a prisão dele? Eu tenho mais perguntas do que respostas. Já na época de Joffe Corrêa Netto, ele foi preso. Foi naquela época antes do golpe militar que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) estava negociando uma posição mais forte dentro do governo, tentando mostrar para o governo que ele tinha capacidade de controlar os movimentos sociais, tinha capacidade de fazer um movimento e acabar com um movimento. Esse foi o ponto que o PCB queria usar, essa expressividade entre o povo para melhorar sua posição e sua política frente ao governo Goulart. Então eu tenho perguntas sobre os interesses que cercam a prisão de Rainha, porque voltando para o assunto da política de Retomada Agrária do Lula, Rainha foi preso em 11 de julho de 2003, momento esse em que ele estava chamando a atenção e neste mesmo período Lula colocou o bone do movimento mostrando sensibilizado com o movimento. Deste modo, surge uma inquietação e apavoramento da classe dominante. Após sua prisão, começou a acalmar muito o movimento, começou a tirar um pouco da atenção do movimento. Por isso que está preparando a terra, vamos dizer, para introduzir novas políticas? No sentido da criminalização dos líderes de destaque eu tenho estas perguntas e essas respostas. De fato, a violência contra o trabalhador rural acampado chega para os líderes como uma política de intimidação e pelo jeito o MST está formando sempre novo líderes e fazendo tudo que pode fazer para fortalecer o movimento e para continuar com a luta, tanto faz quem fica preso ou morto. Ultimamente participei da formação de mais de 50 líderes do movimento dos sem terra e acho que eles estão preparados para enfrentar esta política do governo, do poder policial. É uma guerra de classes.

20

José Alves: Professor, uma outra questão importante sobre o campo brasileiro, é que atualmente está ocorrendo a polêmica dos transgênicos e tem uma discussão, principalmente sobre a soja que é um caso explícito, da influência da Monsanto na liberação da semente geneticamente modificada e no reconhecimento da patente deste produto. Gostaríamos de saber sua opinião sobre a adoção dos transgênicos e essa pressão das multinacionais, no caso, a Monsanto, em legalizar a questão dos transgênicos?

Cliff Welch: Essa questão tem mais a ver com a ALCA, porque trata das duas linhas que já falamos, sobre os direitos intelectuais, que seriam relacionados às sementes, às técnicas para fazer as sementes e a Monsanto quer cobrar os royalties por isso. Outra coisa seria acabar com qualquer tipo de agricultura concorrente onde a companhia atuar. Eu acho fascinante essa questão sobre os transgênicos e clima a atenção da opinião pública por causa de uma percepção do que os transgênicos podem fazer para as culturas já existentes, para a saúde dos consumidores e até para a "saúde" da terra, a capacidade da terra continuar sendo produtiva.

Tem um lado político que eu acho até mais interessante, porque essas sementes que numa agricultura comum, que não é transgênica, o lavrador vai criando sementes cada vez que ele planta, ele vai guardando uma parte da produção para plantar as sementes no ano que vem, porque ele já sabe que uma semente é boa para aquele lugar porque deu certo no ano passado. Já as sementes transgênicas têm que comprar todo ano, você não pode criar, não dá de um ano para o outro, você usa uma vez só. A concentração de renda é ainda maior devido à necessidade do produtor comprar a semente e, para essa compra, geralmente tem que emprestar dinheiro. Então viria uma outra forma de acabar com o pequeno produtor, porque cada vez que ele empresta dinheiro, e os mercados têm um grande fluxo de um ano para o outro, pode ser que ele não consiga pagar o banco. A única saída para ele vai ser vender a terra.

Então o transgênico além de ter os problemas ecológicos, de saúde, tem esse problema de ajudar na tendência de concentrar a

21

terra. E a questão da ALCa é a possibilidade de estrangeiros investirem na terra no Brasil, isso já foi negociado e a terra está disponível para os investidores estrangeiros. Uma outra questão referente às sementes transgênicas, é que elas parecem ter uma vantagem que não precisa usar veneno. Parece que isso pode ser bom para a ecologia, mas não conheço muito bem se pode causar algum dano. Por outro lado, ocorre a concentração da renda nas mãos do produtor da semente, porque ele pode cobrar mais na semente, uma vez que o lavrador não vai necessitar comprar os venenos. Então as grandes companhias como a Monsanto estão ganhando. Além disso, há um monopólio de poucas companhias no mundo, acho que cinco, que têm o controle das sementes transgênicas. Essas companhias têm um poder muito forte, tem muito dinheiro para fazer um país aceitar os transgênicos e tem muito interesse à venda e elas estão conseguindo ganhar dinheiro com as sementes, com os produtos, com a terra. Está tudo voltado para elas, estão tendo o monopólio.

José Alves: Professor, o senhor poderia falar mais sobre essa questão relacionada a ALCa de que os investidores estrangeiros poderiam e teriam interesse em investir na terra nos países que constituíram o bloco.

Cliff Welch: Foi uma decisão já do governo Fernando Henrique Cardoso, no caso do Brasil, de que os interesses da ALCa seriam de levar essas companhias estrangeiras de qualquer restrição na utilização da terra por elas adquiridas, na venda dos produtos, na utilização de transgênicos e tudo mais. As vezes parece um discurso dos brasileiros, mas não, é um discurso das multinacionais.

José Alves: Professor, chegamos ao término da entrevista, tem algum tema ou ponto pertinente não abordado e que o sr gostaria de fazer algum comentário?

Cliff Welch: Eu gostaria de agradecer a vocês pelo interesse sobre minha pesquisa, meu trabalho. Estou muito grato também ao

22

Ministério da Educação, devido à bolsa de Professor Visitante estrangeiro que tenho da CAPES. Acho muito importante o fato do governo apoiar este tipo de programa, que dá a oportunidade dos pesquisadores brasileiros convidarem pessoas de fora para fazer intercâmbio. A maioria desse tipo de bolsa, no meu caso, é controlado pelo governo dos EUA, e são eles quem resolvem quem mandar para fazer pesquisa. É a primeira vez que ganhei essa bolsa e estou muito grato também pelos convites de meus colegas, Bernardo da UNESP - Presidente Prudente, e Vera Chaia da PUC de São Paulo.

23